

## ARTIGO

---

# De “Potencialidades dos 50+” a “Espaço Criativo das Poderosas”: Relato de Experiência sobre a inserção da Extensão em um CRAS

From “Potentialities of 50+” to “Creative Space of Powerful Women”: Experience Report on the inclusion of Extension in CRAS

---

Ana Laura Pereira Moreno<sup>[1]</sup>

Hítalo de Souza Duarte<sup>[2]</sup>

Mariana da Cruz Pinto<sup>[3]</sup>

Pedro Henrique Antunes da Costa<sup>[4]</sup>

Silvia Beatriz Moreno Diniz<sup>[5]</sup>

Tainá Victoria Machado<sup>[6]</sup>

---

[1] Universidade de Brasília

[2] Universidade de Brasília

[3] Universidade de Brasília

[4] Universidade de Brasília

[5] Universidade de Brasília

[6] Universidade de Brasília

---

**RESUMO:** A experiência extensionista é imprescindível para a formação de universitários, sendo importante ação para contextualizar os conhecimentos trabalhados na universidade mediante a vivência na realidade cotidiana, inserindo a prática dos futuros profissionais em um contexto real e permitindo trocas de saberes desses com a comunidade. Nesse sentido, o projeto de extensão “Potencialidades 50+” é um esforço de fomento à saúde e ao bem-estar social para indivíduos com mais de 50 anos, residentes no Riacho Fundo 2, Distrito Federal. Realizado em parceria com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) local, o projeto é construído por estudantes extensionistas de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) com apoio e supervisão docente. O projeto inclui oficinas práticas e eventos sociais, e tem por objetivo suscitar rodas de conversa e incentivo à comunidade na construção de laços com seus pares, além do fortalecimento das potencialidades individuais e do grupo. Os estudantes desempenham papel ativo na organização e execução das atividades, aprendendo a lidar com desafios e colaborando com profissionais de diferentes áreas, características essenciais para a prática condizente com a realidade. Como resultado, o projeto fortalece o envolvimento dos estudantes com a comunidade, permitindo o rompimento de uma lógica de hierarquia de saberes, preparando-os para futuras potencialidades e adversidades na área e destacando a importância da colaboração interdisciplinar e de políticas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia, serviço social, comunidade, políticas públicas.

**ABSTRACT:** The extensionist experience is essential for the education of university students, representing an important action to contextualize the knowledge acquired at the university through real-life experience, integrating the future professionals’ practice into a real-world context and allowing for the exchange of knowledge with the community. In this regard, the extension project “Potencialidades 50+” is an effort to promote health and social well-being for individuals over 50 years old living in Riacho Fundo 2, Federal District. It is carried out in partnership with the local Center for Social Assistance (CRAS) and is developed by extensionist students from the University of Brasília (UnB) majoring in Psychology, with the support and supervision of faculty members. The project includes practical workshops and social events, aiming to foster group discussions and community engagement in building bonds with their peers, as well as enhancing individual and group potentials. Students play an active role in organizing and implementing these activities, learning to tackle challenges and collaborate with professionals from various fields, essential characteristics for a practice aligned with real-world demands. As a result, the project strengthens students’ involvement with the community, allowing for the breakdown of hierarchies of knowledge and preparing them for future opportunities and challenges in the field, emphasizing the importance of interdisciplinary collaboration and public policies.

**KEYWORDS:** psychology, social service, community, public policies.

## INTRODUÇÃO

O projeto ‘Potencialidades 50+’ é uma iniciativa extensionista com o objetivo primordial não só de levar os conhecimentos e experiências adquiridos na universidade para a população, mas de construí-los conjuntamente, promovendo um processo dialógico de troca de conhecimentos entre o público externo e a universidade, baseado nas demandas apresentadas por essa mesma população. Como elucidava Paulo Freire (1983), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro dos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Sendo assim, vemos a experiência extensionista como essencialmente formadora, pois contextualiza os conhecimentos trabalhados na universidade mediante a vivência com a realidade cotidiana.

A partir do trabalho dos profissionais do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Riacho Fundo 2, serviço que pertence ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), observou-se que os usuários com mais de 50 anos experienciam a solidão, atrelada a condições de pauperização e precarização de vida, com dificuldades para desenvolver relações e redes de apoio, além de viverem um desamparo institucional pela falta de políticas públicas direcionadas às especificidades deste momento de vida.

Foi a partir dessa demanda que o projeto ‘Potencialidades 50+’ teve sua origem, buscando também fortalecer o diálogo entre comunidade, políticas sociais e universidade pública. Os participantes são residentes da região administrativa do Distrito Federal mencionada, e embora o grupo seja aberto, ele é predominantemente composto por mulheres, cerca de 12, em decorrência da busca e participação delas. Tal dinâmica expressa, inclusive, o que já é bastante debatido na literatura, a feminização da pobreza e de sua gerência, sobretudo no SUAS (BRASIL, 2018) - o que, por sua vez, também não pode ser desconsiderado na análise acerca da solidão relatada, não sendo, pois, algo “apenas” etário ou geracional. O CRAS é um equipamento do nível de proteção social básica do SUAS, compreendido como a porta de entrada para o referido sistema. Tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais no território, fazendo isso por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, da ampliação do acesso aos direitos de cidadania e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários (BRASIL, 2009).

No que se refere à psicologia e suas contribuições, a partir da reabertura democrática do país, o aparato estatal, e, nele, as políticas públicas, se tornaram um dos principais meios de empregabilidade para psicólogos. Por exemplo, de acordo com os dados do Censo SUAS 2019 (BRASIL, 2020), tínhamos 25.345 psicólogas(os) no SUAS. Destes, 10.692 encontravam-se só nos CRAS, sendo o dispositivo com o maior número de psicólogas(os). Cabe ressaltar que este número era de 6.022 ao final de 2010 (MACEDO et al., 2011). Já no estudo de Macedo, Fontenele e Gomes (2022), o

número de psicólogas(os) na rede SUAS em 2019 chegou a 27.264, sendo a maioria mulheres (86,8% do número total, com 21.819 profissionais).

Dessa forma, a psicologia aparece enquanto um importante ator não só nas políticas sociais, mas no âmbito do SUAS. Segundo Cordeiro (2018), numa revisão da literatura sobre a psicologia no SUAS, dentre o amplo rol de atividades desenvolvidas por psicólogas(os), o trabalho com processos grupais é um dos principais. Tal aspecto vai em direção à própria conformação do SUAS e respectivas orientações e responsabilidades dos CRAS, como também diz de um movimento da psicologia de repensar sua práxis, buscando superar o modelo clínico tradicional, nos termos de uma atuação territorializada, sociocomunitária, por meio de uma perspectiva interdisciplinar, intersetorial e integral, visando a interação com as demais profissões, serviços e políticas sociais.

Nestes marcos, há um movimento - não sem as suas contradições e limitações - de a Psicologia brasileira se questionar (e ser questionada) como campo do saber-fazer no que se refere ao seu mandato social histórico de controle e ajustamento em prol da manutenção da ordem. Hegemonicamente individualizante, desde as concepções tradicionais de ser humano e sociedade que as fundamenta e orienta, produzindo práticas numa direção de naturalização do status quo e responsabilização/culpabilização dos indivíduos e/ou seu entorno familiar. Assim, é premente que a formação do(a) psicólogo(a) rompa com tais fundamentações, *modus operandi* e, nisso, ultrapasse os espaços e formas de atuação profissional tradicionais, ampliando e potencializando áreas e temas voltados principalmente para as maiorias populares, em condições de precariedade e pauperização.

A partir do exposto, a Psicologia Social Comunitária (PSC), desenvolvida no contexto latino-americano, pode contribuir para uma *práxis* da psicologia no SUAS contextualizada não só com as necessidades das políticas, mas com as da população assistida, trabalhando *com ela*, não só *para ela*. Na realidade latino-americano, a PSC emana a partir das próprias práticas na comunidade, isto é, de um conjunto de estratégias, metodologias visando o desenvolvimento comunitário, tendo como exemplos e modelos a sociologia crítica e participativa de Orlando Fals-Borda (Colômbia), a educação popular e pedagogia de Paulo Freire, ambos nos anos 1960, dentre outros (FREITAS, 2010).

A PSC no referido contexto pode, portanto, contribuir no atendimento a necessidades subjetivas, mas, também, objetivas das pessoas participantes do projeto, por meio da produção de um espaço de socialização, processos de fortalecimento de vínculos, trocas, conscientização, resgate da memória histórica, fortalecimento identitário etc. Assim, a partir da perspectiva da PSC, com ênfase nos contextos sociocomunitários e suas respectivas dinâmicas de vida, por meio dos processos grupais e se utilizando de metodologias participativas, do conhecimento interdisciplinar e popu-

lar, espera-se contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento de tais realidades e seus indivíduos, objetiva e subjetivamente (FREITAS, 1998; 2010; SAWAIA, 2007).

Sobre a pertinência do trabalho com processos grupais para a PSC, cabe ressaltá-los enquanto respostas coletivas para problemas coletivos, afinal, lidamos com sujeitos coletivos. Estes devem ser específicos ao contexto e orientados para o futuro, no sentido de uma intervenção de mudança na qual os envolvidos são atores ativos participantes do processo de mudança. Dessa forma, podem fomentar a socialização, fomento à solidariedade, fortalecimento de laços.

Não obstante, tal parceria e as possibilidades oriundas dela mostram-se prementes para a formação dos discentes e docentes, possibilitando aprendizados e contato com realidades que não podem ser vivenciados e apreendidos apenas pelos meios tradicionais de ensino, em sala de aula, reverberando a importância da “extensão como meio de ressignificação da universidade” (PARTICIPAÇÃO, 2023, p. 7) e sua indissociabilidade com a pesquisa e o ensino, sendo ela própria investigação, produtora de conhecimentos e educativa para quem é perpassado por ela. Por fim, denota o papel da Universidade pública socialmente orientada e de uma Psicologia ético-politicamente compromissada com as maiorias populares e contribuição para melhores condições de vida e sociabilidade.

## **DESENVOLVIMENTO**

Como mencionado, o projeto “Potencialidades 50 +” nasceu a partir da identificação da limitação do território do Riacho Fundo 2 no que se refere a serviços e espaços de convivência e fortalecimento de vínculos entre adultos. Diante do trabalho desenvolvido pelo CRAS localizado no território citado, a equipe do serviço pôde observar que parte significativa das pessoas com mais de 50 anos da região estavam atravessadas por questões como exclusão do mercado de trabalho, isolamento e possível vulnerabilidade social, sendo essas, sobretudo as mulheres, muitas vezes responsáveis por cuidados com pais, filhos e netos, além do trabalho doméstico, encontrando nessa etapa de vida diversos fatores limitantes para seu próprio desenvolvimento e o (re)conhecimento de suas potencialidades. Esse é um importante fomento para a construção da parceria entre o equipamento do SUAS e a Universidade de Brasília, a fim de caminhar para a construção de um espaço de convivência entre essas pessoas que, vivendo em um mesmo território e compartilhando a mesma faixa etária, podem se fortalecer nos vínculos com seus pares.

Nesse sentido, o projeto representa uma iniciativa que tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de promoção de saúde e bem-estar social na modalidade grupal para pessoas com mais de 50 anos, visando a criação e o fortalecimento de laços e conexões sociais dentro do território do Riacho Fundo 2 entre a população dessa faixa etária. Pretendeu-se, assim, oferecer

um espaço de troca entre os participantes do grupo, em que esses pudessem reconhecer em si e nos outros possibilidades de desenvolvimento e potencialidades que já ali existem e que devem ser valorizadas.

Os participantes são moradores da referida região administrativa do Distrito Federal, assistidos pelo SUAS. Apesar de ser um grupo aberto, esse se constituiu sendo formado majoritariamente por mulheres, cerca de 12, que se encontram às sextas-feiras, quinzenalmente, por cerca de duas horas. Para sua realização, o projeto se apoia em uma parceria entre a equipe do CRAS do Riacho Fundo 2 e um grupo de cinco estudantes extensionistas de psicologia da Universidade de Brasília (UnB), sob supervisão de dois professores orientadores.

Os encontros do projeto de extensão, que atualmente carrega o nome de “Espaço Criativo das Poderosas” - sugestão das próprias participantes e construtoras do grupo -, estão acontecendo desde maio, ao passo que o mês de abril foi completamente dedicado à inserção, familiarização com a realidade e organização da execução, em que os extensionistas foram para o CRAS para se familiarizarem com o equipamento e conhecerem o trabalho dos servidores. Conforme argumentam Mendes & Costa (2018), um maior envolvimento da Psicologia com a pobreza e demais questões sociais possibilita uma maior vinculação da profissão com as políticas públicas e sociais. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar que acontece no CRAS, a possibilidade de atuação na política de assistência social e o contato direto com a realidade de uma Região Administrativa do Distrito Federal - da forma como ela se apresenta - foram tópicos centrais para o interesse inicial quanto permanente com o projeto. A atuação dos estudantes contribui para o fortalecimento de possíveis profissionais da psicologia em políticas públicas, ao passo que essas apresentam-se com enorme potencial de trabalho futuro.

Nos primeiros encontros, com base em uma conversa colaborativa com as participantes, foram elencados os temas de interesse grupal, os quais podem variar ao longo do tempo e, por esse motivo, essa discussão é realizada frequentemente. Desse modo, os encontros são organizados com base nas manifestações de interesse das participantes e da construção coletiva dos servidores do CRAS, dos estudantes extensionistas e dos professores supervisores.

Para fins de concretização dos grupos, são realizadas reuniões semanais em que são discutidos o encontro anterior - acontecimentos, estratégias, limitações, possibilidades - e a organização do próximo, além das experiências vividas pelas extensionistas, suas percepções, angústias e necessidades. Tais informações são registradas no diário de campo usado por cada extensionista, o qual se caracteriza por ser um importante instrumento do trabalho desenvolvido pela psicologia comunitária, e repassadas em supervisão com os servidores e orientadores. Além da organização, os estudantes atuam também na execução do grupo e, assim, aprendem a conduzir e a reagir com/perante um grupo, lidar com limitações do trabalho e novas possibilidades diante delas, além do

contato com profissionais de diferentes áreas e cargos, como especialistas e técnicos em assistência social. O olhar atento e curioso dos extensionistas tem contribuído para a construção de um trabalho mais intencional, de modo a potencializar para que os objetivos do CRAS perante a comunidade sejam atingidos.

Para além disso, ressalta-se o caráter da extensão enquanto a prática de educar e educar-se, que, como aprofunda Freire (1983), é um processo de libertação, não limitando a estender algo que vai da “sede do saber” à “sede da ignorância”, como se um saber fosse superior ao outro. O movimento, na verdade, é o contrário: educar e educar-se, numa prática libertadora, comprometida e respeitosa pode partir daqueles que reconhecem que pouco sabem e chegar naqueles que, talvez, pensem que nada sabem, para que todos esses juntos construam um saber e, coletivamente, passem a se apropriar desse conhecimento. Nesse sentido, a postura dos extensionistas é de acolher, ouvir e mediar, e também é, tão importante quanto, acolher, ouvir e aprender com aqueles que vivem no território e que tanto têm a dizer sobre essa região, sobre si e sobre o mundo.

Os encontros, assim, têm enfoques que variam de acordo com o interesse dos próprios participantes do grupo, que sugerem temáticas para serem discutidas naquele coletivo. Em alguns desses encontros, profissionais que trabalham na rede são convidados para participarem a fim de esclarecer dúvidas sobre, por exemplo, como acessar determinados serviços, quais são os recursos disponíveis para os moradores do território ou para convidá-los a conhecer novos projetos e propostas. Também são de grande interesse do grupo os encontros voltados para dialogar entre seus pares, conhecer as histórias uns dos outros e contar as próprias histórias, exercitando o conhecimento de si e de outro. As reuniões do grupo, a depender do desejo dos participantes, também possibilita que esses mostrem habilidades que têm e que podem ensinar ao grupo, como, por exemplo, com oficinas de sabão caseiro, artesanato e culinária.

Até o presente momento foram abordados temas como o pertencimento no território - que contou também com a elaboração de um ecomapa, violência doméstica, autocuidado e cuidado com terceiros, talentos pessoais, além da realização de oficina de sabão caseiro, cozinha criativa e também de uma festa junina. Posteriormente, ainda com base nas manifestações de interesse das participantes, espera-se realizar uma oficina de dança, uma de artesanato, bem como um passeio para além do território do Riacho Fundo 2. Para fins de encerramento do grupo, está sendo construído um livro com histórias das moradoras do território, o que poderá contribuir para uma maior vinculação da comunidade com o território e do próprio CRAS com a comunidade, o que se constitui como um dos objetivos do projeto de extensão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, é importante ressaltar que os resultados apresentados não são fixos e finais. Apesar das atividades de extensão serem pensadas com prazo e intervalo fixo, o prazo de atuação comunitária é indeterminado, idealmente só encerrando quando a própria comunidade determina (FREITAS, 1998). Nesse sentido, entende-se que muitos aspectos de atuação ainda têm potencial para serem aprofundados e desenvolvidos, mas destacamos aqui alguns dos resultados atingidos que consideramos mais importantes até o presente momento.

No âmbito estudantil, a atuação prática se apresenta como principal destaque para os extensionistas envolvidos. Entende-se que, no Brasil, a formação em psicologia é voltada para a atuação clínica, pouco abordando aspectos de atuação nos serviços de assistência social (CONSELHO NACIONAL DE PSICOLOGIA, CFP, 2018; SILVA & ALBANESE, 2020), apesar desses serviços empregarem uma alta quantidade de psicólogos do Brasil (MACEDO et. al., 2011). Além disso, muitas vezes têm maior enfoque na técnica alienada, e pouco abarcam a intencionalidade da atuação profissional, resultando em um trabalho pouco crítico e não direcionado à transformação social (FARIAS & CAMPOS, 2021).

De acordo com Yamamoto e Oliveira (2010, pp. 20/21):

[...] pensar numa atuação que seja transformadora, que se proponha combater os excessos da desigualdade, que possa produzir fissuras nas iniquidades reforçadas pela política, resulta, em última análise, numa atuação que nem é a defendida pela política e nem é aquela sobre a qual se erigiu a Psicologia como profissão [...]

[...] o trabalho na proteção social básica exige dos psicólogos não apenas uma adequação do trabalho; exige um conhecimento de aspectos que estão fora do escopo do que a Psicologia delimitou em seus campos de saber

Desse modo, atuar como extensionistas tem sido uma oportunidade de suprir essa lacuna, e de construir o novo, com a possibilidade de estar em contato com o SUAS, mais precisamente com o CRAS. Esse contato tem se dado de forma contextualizada, permitindo se aprofundar na atuação profissional crítica a partir da territorialização, com vistas de promover a coletivização das ferramentas que fizerem sentido para ela. A partir daí é que também se tem tido a possibilidade de desenvolver habilidades e técnicas alinhadas com as necessidades de atuação, tais como condução grupal e trabalho interdisciplinar, os quais configuram-se essenciais para a formação de profissionais da psicologia e fomentam a importância da extensão nessa formação.

De maneira análoga, a participação no projeto motiva a produção de pesquisa entre os estudantes ao fornecer oportunidades de observação e identificação de lacunas, uma vez que o envolvimento direto no projeto contribui na identificação de problemas específicos na assistência à comunidade. Assim, por meio do trabalho desenvolvido e da inserção colaborativa na/com a comunidade, as necessidades da população surgem e indicam, a posteriori, os caminhos passíveis da práxis e da pesquisa desses profissionais (FREITAS, 1998).

No âmbito do serviço de assistência social, ao longo das construções estabelecidas, foi ressaltado pelos servidores a importância de estar em contato com as inovações e novas formas de atuação no serviço que podem ser proporcionadas pelo contato com a extensão. Sabe-se que, em geral, a produção científica se constrói de maneira pouco democratizada, que vem perdendo ainda mais espaço frente aos avanços de políticas neoliberais de investimento em Ciência e Educação Superior (ES). Essa mudança de enfoque na produção científica por vezes constrói a falsa percepção de democratização do conhecimento, que alcança novos espaços a partir dos meios de comunicação massiva e em uma lógica de produtividade e eficácia (OLIVEIRA, 2019), mas pouco tem o objetivo de abarcar espaços direcionados à população de fato, tais como serviços de saúde e assistência social. Desse modo, entende-se que a aproximação da universidade com os serviços de assistência, via extensão, se põe em um contramovimento, pautado em um fazer científico que é direcionado à emancipação.

Por fim, ao se tratar dos resultados e das potencialidades, destacamos os possíveis resultados para a comunidade. Sob o ângulo da PSC, a qual norteia a execução do presente projeto, todas as ações concretizadas por ele tendem a ser comprometidas com a realidade da forma pela qual ela se apresenta, além da compreensão crucial de que a comunidade presente no território está em um movimento de recriação permanente (SAWAIA, 2007). Diante disso, as ações executadas no projeto tentaram carregar como marca a construção colaborativa com a comunidade, sendo como via de exemplo o constante questionamento aos participantes de como o grupo deveria suceder e reuniões constantes de alinhamento direcionadas à crítica constante das atividades. É válido apontar, portanto, que não se pensa *para ela* - comunidade -, mas se age *com ela* (FREITAS, 1998), com o “Espaço Criativo das Poderosas” e as *poderosas*.

Como ressaltado anteriormente, a atuação da extensão se deu a partir da demanda do próprio CRAS, que identificou uma lacuna nas ofertas de serviços de convivência para adultos com mais de 50 anos no território. Esse cenário não é incomum, e pauta-se em uma perspectiva individualista do envelhecimento, onde o Estado pouco se responsabiliza pelo envelhecimento e fica sob a responsabilidade da família garantir a dignidade da pessoa idosa (CECCON et. al., 2021), que por vezes acaba também sobrecarregada e não é capaz de fornecer os elementos necessários para um envelhecimento saudável. No entanto, um dos principais apontamentos para o bem-estar no envelhecer é a construção de redes de apoio (CARVALHO et. al., 2019) e a manutenção da autonomia (XIMENDES, 2021).

Desse modo, objetivou-se o fortalecimento dos vínculos e construção de rede entre os integrantes do grupo, para promover novas perspectivas de um envelhecimento territorializado. Em geral, entendemos que esse objetivo foi atingido parcialmente. Devido à característica do grupo aberto e da volatilidade dos participantes, tivemos dificuldade para promover o fortalecimento de vínculos, uma vez que o grupo de participantes alterava de acordo com os encontros. No entanto, entendemos que o protagonismo se destacou como um dos principais pilares dos encontros, a partir das oficinas desenvolvidas e do desenvolvimento do livro “Senta Que Lá Vem História”, produto final dos encontros que visa reunir as histórias dos participantes do grupo, além de receitas e outros elementos importantes para manter e valorizar a memória daqueles que construíram esse projeto.

Por fim, é de suma importância ressaltar algumas das capacidades e limitações que o projeto tem apresentado no decorrer da sua construção. Nesse sentido, diante do que já foi apresentado, é notório que as atividades de extensão apresentam contribuições significativas, incluindo a capacidade de sensibilizar e conscientizar as partes interessadas sobre a importância da extensão universitária. Além disso, a mesma tem contribuído para uma mudança de paradigma, alterando a percepção da extensão, tanto na universidade quanto na sociedade, destacando-a como uma atividade valiosa para a formação dos estudantes e para a transformação social. No entanto, as limitações incluem a possibilidade de resistência institucional enraizada em estruturas acadêmicas e culturas institucionais, bem como a falta de financiamento e apoio institucional, que pode representar um desafio significativo.

Outro elemento de grande relevância que deve ser levado em consideração diz respeito à sobrecarga tanto dos servidores quanto dos estudantes, o que implica o potencial risco de esgotamento e desmotivação devido à carga excessiva de responsabilidades, podendo comprometer a excelência do trabalho e a manutenção do projeto. Em consonância com Macedo, Fontenele e Gomes (2022, p. 1), há um:

aprofundamento da precarização dos vínculos de trabalho, aspecto que recai com maior peso sobre as profissionais do sexo feminino se comparado aos do masculino que atuam no Suas. Conclui-se que a Assistência Social segue como importante área de absorção de psicólogas(os), sobretudo de início de carreira, porém há intensificação da precarização do trabalho, que recai com maior peso sobre as mulheres

Ou seja, não só há um processo de feminização da pobreza e da gerência dela no SUAS, como tal processo se estende também às profissionais de tal sistema e política setorial, de tal modo que o sucateamento do SUAS - nos marcos de sucateamento das políticas sociais como um todo - e a precarização das condições de trabalho é, grosso modo, um ataque às mulheres - mormente negras.

Além disso, é relevante ressaltar as diversas dimensões que incidem na ausência de alguns participantes no grupo. A complexidade e diversidade das razões pelas quais os participantes não retornam nem sempre podem ser resolvidas pelo projeto, devido às próprias limitações dos serviços, e a oscilação frequente de participantes em grupos abertos torna desafiador o estabelecimento de vínculos consistentes. No entanto, o projeto procura oferecer possibilidades, como a capacidade de realizar ajustes e aprimoramentos com base na avaliação contínua e na coleta de feedback construtivo dos participantes que optam por não retornar.

Essas reflexões enfatizam a relevância de encarar os desafios e prosseguir no aprimoramento das atividades de extensão, a fim de alcançar os objetivos propostos inicialmente de maneira eficaz e significativa.

## CONCLUSÃO

Desse modo, ressalta-se a importância da construção conjunta entre as instituições, CRAS e Universidade, para possibilitar um espaço potente de troca e crescimento coletivo com a comunidade. Esse movimento abriu espaço para que os estudantes pudessem se colocar de maneira ativa no projeto, no processo de educar e educar-se, rompendo com as barreiras impostas por quem constrói e valoriza apenas um saber científico, muitas vezes deslocado da realidade daqueles a quem pesquisa e ensino também deveriam contemplar.

Faz-se necessário destacar a essencial abertura e acolhimento do CRAS do Riacho Fundo 2 para a inserção da Universidade e dos extensionistas, processo determinante para que todo o projeto pudesse acontecer e para que todos os encontros fossem possíveis de serem feitos. Sem o trabalho desses profissionais que atuam na ponta, diretamente com os usuários do sistema, não seria possível e nem sequer efetivo pensar em uma atuação como a aqui descrita. Além do conhecimento sobre o território, a proximidade com os usuários e o espaço cedido, os trabalhadores desse equipamento do SUAS foram imprescindíveis na construção de todo o projeto, de todos os encontros e todas as reuniões de planejamento, com o traquejo e postura de quem trabalha inserido no campo.

Nesse sentido, é fundamental valorizar a extensão como possibilidade dentro da Universidade para que os estudantes estejam também inseridos no campo, entendendo as limitações e as potencialidades do território em que vivem. Para além disso, a extensão mostra-se como possibilitador de trocas importantes com a comunidade, caminhando para superar a lógica de hierarquia de saberes.

Como potencialidade do projeto, tem-se a construção de um espaço que possibilitou a criação de vínculo dos participantes do grupo entre si e com os mediadores, vínculo da comunidade com o CRAS o qual os assiste, além do incentivo para que os usuários retomassem ou fortalecessem uma

postura ativa nas próprias vidas, falando de si, sobre o que sabem, o que não sabem e o que gostariam de aprender. Ressalta-se também o desenvolvimento dos estudantes e do grupo, que tiveram a oportunidade de construir coletivamente com profissionais de áreas de atuação complementares, entendendo mais sobre o trabalho em rede, sobre o território, sobre os grupos e as pessoas que ali residem e vivem. No fim das contas, não apenas o SUAS e CRAS Riacho Fundo 2, como a própria extensão, são meios de acesso à comunidade para trabalhar com ela, tendo ela como *locus* de poder e agente ativo frente às suas próprias condições de vida e necessidades

Além disso, é importante evidenciar a importância dos professores orientadores para a construção do projeto, que auxiliaram nas atuações de campo através de sugestões e acolhimento das angústias dos estudantes. Sem eles, a atuação de campo também não seria possível de ser realizada no formato que foi.

Para projetos futuros, percebe-se a necessidade de formação contínua da equipe, atualizando conhecimentos acerca das temáticas estudadas, assim como temáticas que atravessam a atuação como um todo. Essa formação pode estar atrelada ou não à extensão enquanto atuação direta no campo. Além disso, como apontado anteriormente, tem-se como limitação do atual projeto a sobrecarga dos servidores e dos estudantes. Nesse sentido, a valorização da extensão se faz mais uma vez presente, uma vez que uma das dificuldades encontradas foi conciliar as atividades dos projetos com outras atividades acadêmicas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social - CRAS. **Orientações Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**, Brasília, 1 ed., 2009. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes\\_Cras.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf). Acesso em: 22 out. de 2023

BRASIL. Censo SUAS 2019. **Ministério da Cidadania**, Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Boletim Mulheres no SUAS**. Brasília: MDS, 2018, v. 5. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/?p=3016>. Acesso em: 21 out. de 2023.

CARVALHO, C. R. A. DE; MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Vulnerabilidade social e envelhecimento na América Latina. Uma revisão bibliográfica a partir das publicações da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 185–207, 30 mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i1p185-207>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

CECCON, R. F. et al. Envelhecimento e dependência no Brasil: características sociodemográficas e assistenciais de idosos e cuidadores. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 17–26, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30352020>. Acesso em: 22 de out. de 2023

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia 2018: Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação**. Relatório Técnico Final do CFP. São Paulo: CFP, 2018. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2018/01/cartilha-Ano-da-Forma%C3%A7%C3%A3o-em-.pdf>. Acesso em: 22 de out. de 2023

CORDEIRO, M. P.. A psicologia no SUAS: uma revisão de literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 166-183, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672018000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 out. 2023.

FARIAS, T. M.; CAMPOS, H. R.. Psicologia e ontologia: fundamentos para uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimento. **Psicologia USP**, v. 32, p. e210062, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210062> . Acesso em: 22 out. 2023.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 0, 1998. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18811111>. Acesso em 14 out. 2023.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, Regina (org). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, p. 54-80, 2010.

MACEDO, J. P.; SOUSA, A. P. de; CARVALHO, D. M. de; MAGALHÃES, M. A.; SOUSA, F. M. S. de; DIMENSTEIN, M. O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos? **Psicologia em Estudo**, , Maringá, v. 16, n. 3, p. 479-489, jul. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/tkKzmJLq5NsXjxZtZxKBrJg/>. Acesso em: 14 out. 2023.

MACEDO, J. P.; FONTENELE, M. G.; GOMES, R. W. DA S.. Psicologia e Assistência Social: Crise e Retrocessos Pós-Encerramento do Ciclo Democrático-Popular. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, n. spe, p. e262852, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/h4SzCzSj-Vx5zpVMk8tkvG8Q/>. Acesso em: 21 out. 2023.

MENDES, K. T.; COSTA, P. H. A. da. Psicologia e pobreza no Brasil: Histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1118-36, 2018.

PARTICIPAÇÃO, E. **Apresentação** - Edição N. 39. Participação, Brasília, v. 1, n. 39, p. 7-9, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/50320>. Acesso em: 21 out. 2023.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina (org). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes. 1996. p. 35-53.

SILVA, Amanda Carollo Ramos da; ALBANESE, Luciana. Formação acadêmica e atuação do psicólogo nos Centros de Referência de Assistência Social. **Pesquisadores psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 4, p. 1-16, dez. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082020000400004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400004&lng=pt&nrm=iso). acessos em 14 out. 2023.

Freire, P. **Extensão ou comunicação?**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 7<sup>o</sup> ed., 1983.

OLIVEIRA, T. M. de. As Métricas Alternativas e Ciência Aberta na América Latina: desafios para a democratização do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, v. 31, e190089, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/g3YBNzgJN8f7tHPVVVRgd6JM/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; OLIVEIRA, Isabel Fernandes. Política Social e Psicologia: Uma Trajetória de 25 Anos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. esp., p. 9-24, 2010.

XIMENDES, A. de F.; DE ALMEIDA, R. S.; NUNES, S. dos S.; ANVERSA, E. T. R.; FLORES, G. C. O envelhecimento saudável no contexto da estratégia da saúde da família: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 14666-14680, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/32483>. Acesso em: 20 out. 2023.